

**Textos metálicos: imagens monetárias com símbolos religiosos.
Dominação romana e resistência da Judeia/Palestina.**

Felinto Pessôa de Faria, neto¹
fneto007@hotmail.com

Resumo:

A arqueologia lança seu labor científico para investigar as civilizações do passado, buscando analisar sua cultura, sociedade, política, economia e religião. A numismática insere-se nessa proposta, pois através das moedas pode-se resgatar traços sociais, mediante análise dos símbolos monetários, que foram instrumentalizados nas relações de poder.

Palavras-chave: Imagens, símbolos monetários, poder, dominação e resistência.

Abstract:

Archeology devotes its scientific work to the investigation of ancient civilizations, aiming to analyze their culture, society, politics, economy and religion. Thus, numismatic is situated in this proposal, since coins allow the retrieval of social aspects by means of currency symbols analysis, these which were employed as instruments in power relations.

Keywords: images, currency symbols, power, domination and resistance.

Abstrait:

L'archéologie lance son labeurscientifique pour fouiller les civilisations du passé, encherchant à analyserleur culture, société, politique, économie, etreligion. La numismatiques'insèredanscette proposition, car à travers des monnaiespeut-on récupérer les caractéristiquessociales, moyennantl'analyse des symbolesmonétaires, qui ontétéinstrumentalisésdans les relations de pouvoir.

Mots-clés: Images, symbolesmonétaires, pouvoir, domination etrésistence.

1. INTRODUÇÃO

Tanto a dominação romana quanto a resistência da Judeia/Palestina utilizaram símbolos religiosos em sua produção de imagens monetárias para justificar uma ideologia. Além das moedas possuírem valor intrínseco, mediante o material utilizado (ouro, prata e bronze); valor extrínseco, mediante valor fiduciário,

¹Formado em História pelo Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Teologia pelo Seminário Batista do RJ; Graduando em Português/Grego pela UERJ; Especialista em História Econômica pela UFJF; Especialista em História Antiga e Medieval pela UERJ; Mestrando em Arqueologia pelo Museu Nacional/UFRJ (sob orientação do professor Dr. André Chevitaressé). Professor de História, Novo Testamento e Grego.

também possuíam valor propagandístico e de relações de poder. Ao se estudar um símbolo, precisa ser analisado todos os elementos que compõe a iconografia, como sua imagem e legenda.

Religião e simbolismo, propagando e poder. Elementos contidos em imagens monetárias para justificar dominação, resistência e ideologia.

2. IMAGEM COMO REPRESENTAÇÃO TEXTUAL

As imagens monetárias inserem-se dentro de códigos culturais. A representatividade gráfica ocorre em contextos em que a sociedade, ao qual a moeda é circulante, entende o seu significado, pois foi estabelecido padrões e convenções sociais para a leitura e entendimento. Não são quaisquer imagens, elas são frutos de cenários específicos e levando-se em conta aqueles que irão vê-la.

Tal análise, como a empreende Eco, leva-o a afirmar que representar iconicamente um objeto significa transcrever, através de artifícios gráficos, as propriedades culturais - convenções sociais, portanto - que lhe são atribuídas. Uma cultura, ao definir seus objetos visuais, remete a códigos de reconhecimento que indicam traços pertinentes caracterizadores do conteúdo. Um código de representação icônica estabelece quais os artifícios gráficos correspondentes aos traços do conteúdo, ou, com maior exatidão, aos elementos considerados pertinentes, os quais são fixados (selecionados) pelos códigos de reconhecimento. Existem, portanto, blocos de unidades expressivas que remetem, não ao que se vê, mas sim ao que se sabe, ao que se aprendeu a ver. Um esquema gráfico reproduz as propriedades relacionais de um esquema mental. Os traços pertinentes do conteúdo fixados pelo código são de ordem óptica (codificação de experiências anteriores de percepção), ontológica (propriedades perceptíveis culturalmente selecionadas) e puramente convencional (convenções iconográficas difundidas) (CARDOSO, 1997, p:211).

Dondis afirma que para os analfabetos, a linguagem falada e o símbolo continuam sendo os principais meios de comunicação. E dentre eles, apenas o visual pode ser mantido em qualquer circunstância (1977 *apud* CARLAN, 2008).

A moeda como documento pode informar sobre os mais variados aspectos de uma sociedade. Tanto político e estatal, como jurídico, religioso, mitológico, estético.

Chartier destaca a importância da interpretação dessa simbologia, chamada por ele de signos do poder. Daí a necessidade de constituir séries homogêneas desses *signos do poder*, sejam as insígnias que distinguem o soberano dos outros homens, como: coroas, cetros, vestes, selos, moedas etc.

(CARLAN, 2010).

A moeda foi utilizada como instrumento de repressão, dominação efetiva e cultural. *“Mais do que a língua e a religião, no caso do Império Romano, a moeda era o único instrumento ligado ao poder que*

permanecia estável”(CARLAN e FUNARI 2012, p: 72). Ela evidencia uma força político-ideológica de dominação e reação. O material monetário é carregado de sentidos, definindo a ideologia não só de um povo, mas de toda uma civilização (FLORENZANO, 2002). “A moeda é feita para circular de mão em mão e não como a cerâmica que tem a finalidade de parar nas mãos de alguém. Ela não é um objeto de consumo” (COLBERT DE BEALIEU, 1973, *apud* PORTO, 2007, p: 97). Nesse processo de circulação, a moeda torna-se difusora de símbolos culturais, transmitindo em suas imagens, símbolos e significação cultural.

3. SÍMBOLOS JUDAICOS MONETÁRIOS

Nas duas revoltas dos judeus contra os romanos podemos observar: **1)** as revoltas tiveram facções político-religiosas envolvidas nos conflitos, portanto, não podemos falar que foram revoltas dos judeus como um todo²; **2)** tanto na documentação escrita quanto a imagética, às facções envolvidas em ambas as revoltas estabeleceram resistências primárias e secundárias; **3)** a destruição do Templo de Jerusalém por Tito estabeleceu um caráter mais simbólico do que de guerra, pois os revoltosos já haviam sido derrotados. Sua destruição foi um ato exemplar para reafirmar o poder romano na região; **4)** os indicativos de resistência ideológica, na documentação referente às duas revoltas judaicas, remetem a um judaísmo ou a uma cultura judaica unida, não fazendo diferenciações entre os grupos que compunham a sociedade judaica dos séculos I e II d.E.C. (COSTA JUNIOR, 2010).

Abaixo, serão demonstrados símbolos monetários religiosos utilizados pelos judeus.

3.1 LÍRIOS

Moedas de prata de Atenas detinham grande influência sobre o comércio internacional e começaram a circular na Judeia/ palestina, desde o século VI a.E.C.³, porém trocaram as letras ATHE (abreviação de Athena) para as letras hebraicas YHD (abreviação de Yehud), assim como a planta oliveira foi trovada pelo Lírio (planta que simboliza Jerusalém), que está presente na Torá e Mishná.

Os capiteis construídos sobre as colunas erguidas na fachada do Templo de Salomão foram esculpidos em forma de Lírios (1Rs 7:19). Não apenas no Templo, mas várias construções públicas e palacianas foram adornadas por lírios. O lírio continuou popular no período do Segundo Templo e Hasmoneu.

² Nesse contexto existem vários grupos judaicos que fazem resistência ao Império Romano, como: Fariseus, Saduceus, Zelotas, Sicários, Judeu-cristãos e Essênios.
³ a.E.C (antes da Era Comum); d.E.C. (depois da Era Comum).

3.2 PALMEIRA

Podendo ser representada como ramo de palmeira, feixe de ramos ou representação da própria árvore. Penetrou na região com seu significado helenístico, como símbolo de vitória. A deusa Nike segura um ramo de palmeira em suas mãos. Também há possibilidade de uma interpretação simbólica monetária judaica ligada a fertilidade (PORTO, 2013).

3.3 TEMPLO

Maior referencial político e religioso judaico.

O Templo de Jerusalém situava-se no cume do Monte Moriá, no leste de Jerusalém. Foi construído durante o reinado de Salomão. O segundo Templo foi reconstruído após o retorno do cativo na Babilônia, sob orientação de Zorobabel. Suas fundações foram lançadas em 535 a.E.C. Sua construção foi interrompida durante o reinado de Ciro e retomada em 521 a.E.C., no segundo ano de Dario I. O Templo foi consagrado em 516 a.E.C. Nos quinhentos anos desde o retorno, o Templo havia sofrido bastante com o desgaste natural e com os ataques de exércitos inimigos. Herodes, querendo ganhar o apoio dos judeus, propôs restaurá-lo. As obras iniciaram-se em 18 a.E.C., e terminaram em 65d.E.C. O Templo foi destruído em 70 pelos romanos.



Imagem 1: <http://iehouah.blogspot.com.br/2014/10/os-eventos-relacionados-com-revolta-de.html>

Moeda de bronze cunhada durante a Revolta Judaica de Bar Kochba (132-135d.E.C.).

No averso: Templo com quatro colunas (Fachada do Templo de Jerusalém ou possível Templo que seria edificado por Bar Kochba). Legenda hebraica: Simão; no reverso: vaso com quatro ramos e legenda hebraica: Liberdade de Jerusalém.

3.4 TEXTO ALFABÉTICO

Dentre as inscrições alfabéticas religiosas destacam-se: Jerusalém é santa; Jerusalém a Santa. Essas e demais inscrições, de cunho marcadamente religioso, são vistas como propagandas políticas de incentivo à luta pela liberdade, como também forma de reforçar as crenças comuns.



Imagem 2: Moeda emitida pelos Judeus na Primeira Revolta.
Referência: Handim (# 655).

Moeda de bronze cunhada durante a Revolta Judaica de Bar Kochba (132-135 d.E.C.). Em seu averso possui: taça (de ômer?) com borda larga, decorada com uma fileira de nove pequenos pontos. Legenda em páleo-hebraico: Shekel de Israel. Data: ano 5 da revolta; em seu reverso possui: haste com três romãs. Legenda em páleo-hebraico, que significa: Jerusalém a Santa. (PORTO, 2007).

Esta moeda é símbolo da ruptura dos judeus com o imperador romano. Tanto suas imagens, que são textos, quanto às inscrições alfabéticas constroem uma mensagem nacionalista.

4. SÍMBOLOS ROMANOS MONETÁRIOS RELIGIOSOS

É importante lembrar que, para os romanos, a cidade existia e funcionava a partir de iniciativas humanas e divinas. Assim, quando Júpiter conferia aos magistrados o direito de tomar os auspícios, ou quando os magistrados executavam rituais antes dos comícios para tomar conhecimento da predisposição divina, não significava que eram menos políticos que nós, apenas que *sua* política (entendida como vida em comunidade, como a dinâmica das relações de poder dentro de um grupo ou qualquer outra forma que queiramos pensar) incluía *também* os deuses. Símbolos, valores e personificações religiosas formatam e organizam o político; configura-se uma recorrência no mundo romano presente também na linguagem numismática (BARBOSA, 2014).

No que diz respeito a nossa documentação, as moedas romanas que circulavam na Judeia traziam as seguintes características: **1)** deuses e deusas; **2)** personalidades locais e personificações do Senado romano; **3)** personificações das cidades em forma de divindades protetoras da cidade ou um herói fundador; **4)** personificações de instituições como o Senado local e o Conselho local eram bastante representados; **5)** símbolos, que expressam poder; **6)** os romanos cunharam uma série de moedas *Judaea Capta* como forma de reafirmar seu poder na região, com efeito propagandístico do grande feito da vitória romana sobre os judeus (PORTO, 2007).

Abaixo, serão demonstrados símbolos monetários religiosos utilizados pelos romanos.

4.1 TEXTO ALFABÉTICO



Imagem 3: <http://thoth3126.com.br/>

Moeda cunhada em 71 d.E.C., durante o reinado de Vespasiano. Ele é chamado de Pontifex Maximus (Sumo Pontífice). Na Roma Antiga, designava o sacerdote supremo do colégio dos sacerdotes, a mais alta dignidade na religião romana. Esse título é adotado pelos papas. Nessa moeda

Roma é descrita como uma mulher sentada sobre sete colinas e uma loba amamentando Rômulo e Remo.

4.2 DOMICINIANO E A DEUSA NIKE



Imagem 4: Hendin. D. GuidetoBiblicalCoins (# 90).
Foram emitidas durante o reinado do Imperador Domiciano (81-96 dC).

No anverso temos o busto de Domiciano; no reverso a deusa Nike escrevendo sobre um escudo. Nike chamada pelos romanos de Victoria, personificava o triunfo e a glória. Deusa Nike podia correr e voar em grande velocidade, além de outras qualidades extraordinárias que lhe era atribuída. Estava sempre ao lado de Athena, deusa da sabedoria, da estratégia e das habilidades. Os atenienses erguiam templos em sua homenagem para assinalar as suas vitórias militares.

4.3 DOMICINIANO E A DEUSA MINERVA



Imagem 5: Hendin. D. Guide to Biblical Coins(# 91)
Foram emitidas durante o reinado do Imperador Domiciano (81-96 dC).

No anverso temos o busto de Domiciano; no reverso a deusa Minerva com lança, escudo e troféu.

Equivalente romana da deusa grega Athena, Minerva era filha de Júpiter. Após Júpiter engolir a deusa Métis (Prudência) teve uma forte dor de cabeça; pediu a Vulcano que abrisse sua cabeça com o seu melhor machado, e saiu Minerva, já adulta, portando escudo, lança e armadura. Deusa da sabedoria, das artes e da estratégia de guerra. Minerva era para os romanos a deusa da excelência, da misericórdia e da pátria.

4.4 VESPASIANO E A JUDEIA CATIVA



Imagem 6: Vespasiano. Áureo emitido em Roma em 70/71 d.C.
Referência: Roman Imperial Coins 54.

Nessa moeda tem-se no Anverso: cabeça de Vespasiano à direita; o reverso apresenta a Judeia próxima a uma palmeira, com suas mãos amarradas para trás. Legenda: IVDAEA. Nitidamente observa-se a política de dominação realizada pelos romanos aos judeus.

Foi emitida uma série de imagens monetárias pelos romanos para comemorar a dominação aos judeus. Ficaram conhecidas como *Judaea Capta* (Judeia Capturada) e em muitas dessas imagens existem símbolos religiosos, a começar pelo busto do imperador, que era o representante dos deuses para assumir tal função.

5. TEORIA APLICADA PARA ANÁLISE DA CULTURA MATERIAL

Michael Shanks (2001) define cultura como uma produção das relações sociais, que compartilham significados através do qual uma ordem social é comunicada, reproduzida, experimentada e explorada.

Assim, a Arqueologia analisa os símbolos usados para criar concepções de identidade. Para Ian Hodder (1988) as estruturas sociais e o compartilhamento sobre cultura permitem aos indivíduos usarem a cultura material, de modo que seja compreensível a significância de seu uso pelos outros. Precisa haver uma decodificação cultural, para que a dimensão simbólica da cultura material seja entendida.

Em nossa perspectiva de análise da cultura material, entendemos que a teoria pós-processual (ou contextual) é o melhor instrumento teórico para ser aplicada em nosso objeto, pois rompe com as leis gerais, que tentam explicar a atividade e o comportamento humano. O pós-processualismo busca compreender os significados simbólicos de uma cultura e entende que a cultura material ao ser produzida, não reflete passivamente a sociedade, pois interage com ela, a influenciando e por ela sendo influenciada.

Segundo Marily S. Ribeiro (2007), o conceito de cultura está explícito nos moldes pós-processuais e incluem a ideia de leitura dos significados da cultura material em seu contexto. Ressalta a tentativa de compreender os significados possíveis, já que o objeto, seu uso e suas associações possibilitam criar um quadro com referências e sentidos.

A Arqueologia pós-processual tem um papel importante no âmbito de estudos da área que envolve o simbolismo, devendo o arqueólogo, se ater a todos os aspectos possíveis numa tentativa de compreensão do significado de cada símbolo. Nessa proposta teórica existe uma aproximação entre a Arqueologia contextual e a História, analisando as transformações no espaço-tempo, nos processos de continuidade e ruptura.

6. CONCLUSÃO

Dominação romana e resistência judaica é um tema amplamente estudado pela cultura textual. Nossa proposta foi analisar o embate sobre esses dois povos pelo prisma da cultura material, ou seja, pelas imagens monetárias. No jogo de dominação e resistência vários elementos entram em cena, dentre eles, a representação simbólica religiosa, que pode ser observado nas imagens monetárias.

O acervo monetário desse período é vasto e suas imagens são ricas em representações simbólicas, tornando-se uma excelente fonte de pesquisa. Nesse contexto, a religião foi instrumentalizada como propaganda a serviço de uma política de Estado.

BIBLIOGRAFIA:

BARBOSA, G.O.A. Iconografia religiosa e discurso político nas moedas republicanas romanas do século II. Alêtheia Revista de Estudos sobre Antiguidade e Medievo – Volume 9/2, p.20-30. 2014

CARDOSO, C. F. *Narrativa, sentido, história*. Papirus: São Paulo, 1997.

CARLAN, C. U. Arqueologia Clássica e o uso das fontes. Sociedade Brasileira de Numismática, nº 61. São Paulo, 2008.

_____. A História Antiga e a Cultura Material. Agenda social (UENF), v. 4, n.1, p. 22-36, 2010.

CARLAN, C. U; FUNARI, P.P.A. *Moedas: a numismática e o estudo da História*. São Paulo: Annablume, 2012.

COLBERT DE BEAULIEU, J. B. *Traité de numismatiqueceltique. I. Méthodologie Des ensembles. Centre de Recherches de HistoireAncienne*. Vol. 5, Série Numismatique. Paris: LesbellesLettres, 1973.

COSTA JUNIOR, J. G. *JudaeaRomana: Negociação e Resistência*.Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, p.191, 2010. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em História Comparada da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

DONDIS, D. *Sintaxe da linguagem visual*. Trad. Jefferson Luis Camargo. 2ed.São Paulo :Martins fontes, 1997.

FLORENZANO, M. B. B. “O outro lado da moeda” na Grécia Antiga. *In: O outro lado da moeda*. Livro do Seminário Internacional. Rio de Janeiro: MHN, 2001.

HENDIN, D. *Guide to biblical coins*. 3rd. Amphora: New York, 1996

HODDER, Ian. *Interpretación en Arqueología*. Corrientes actuales. Barcelona: Editorial Crítica, 1988.

PORTO, V.C. *Imagens Monetárias na Judeia/Palestina sob dominação romana*.Tomo I. São Paulo: Universidade Estadual de São Paulo, p. 262, 2007. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em Aruqueologia do Museu de Arqueologia e Etnografia da Universidade Estadual de São Paulo., São Paulo, 2007.

_____.A iconografia judaica e as moedas da judeia. Revista Lumematvirtus. Volume IV, nº 8. São Paulo, 2013.

RIBEIRO, Marily S. *Arqueologia das Práticas Mortuárias: Uma Abordagem Historiográfica*. São Paulo: Editora Alameda, 2007.

SHANKS, Michael. Culture/ Archeology . The dispersion of a Discipline and its Objects. *In: Archaeological Theory Today*. Edited by Ian Hodder. UK: Polity Press, 2001.

